



**Manoel Bomfim Fogueira
Oscar Ribeiro Gonçalves**

Ensaio histórico de Itabuna

O JEQUITIBÁ DA TABOCA

1849 a 1960

2ª EDIÇÃO - REVISTA E AMPLIADA



edit
Editora da UESC

Revisão, atualização, introdução e notas
**Janete Ruiz de Macedo
João Cordeiro de Andrade**

O JEQUITIBÁ DA TABOCA



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

RUI COSTA - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

OSVALDO BARRETO FILHO - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - REITORA

EVANDRO SENA FREIRE - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS

Rita Virginia Alves Santos Argollo

Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

André Luiz Rosa Ribeiro

Andrea de Azevedo Morégula

Adriana dos Santos Reis Lemos

Dorival de Freitas

Evandro Sena Freire

Francisco Mendes Costa

Guilhardes de Jesus Junior

José Montival de Alencar Júnior

Lúcia Fernanda Pinheiro Barros

Lurdes Bertol Rocha

Nelson Dinamarco Ludovico

Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti

Samuel Leandro Oliveira de Mattos

Sílvia Maria Santos Carvalho

**Manoel Bomfim Fogueira
Oscar Ribeiro Gonçalves**

Ensaio histórico de Itabuna
O JEQUITIBÁ DA TABOCA
1849 a 1960

2ª edição - revista e ampliada
1ª reimpressão

Revisão, atualização, introdução e notas

**Janete Ruiz de Macedo
João Cordeiro de Andrade**

Ilhéus - Bahia



Editora da UESC

2016

©2011 by JANETE RUIZ DE MACEDO E JOÃO CORDEIRO DE ANDRADE
1ª reimpressão 2016

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45662-900 Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028 - Fax: (73) 3689-1126
<http://www.uesc.br/editora> e-mail: editus@uesc.br

PROJETO GRÁFICO E CAPA
Alencar Júnior

REVISÃO
Maria Luiza Nora
Genebaldo Pinto Ribeiro

FOTOS DA CAPA
CEDOC/UESC
Carolina Ruiz de Macêdo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

- F656 Fogueira, Manoel Bomfim.
Ensaios históricos de Itabuna : o jequitibá da Taboca, 1849-1960 / Manoel Bomfim Fogueira, Oscar Ribeiro Gonçalves; revisão, atualização, introdução e notas Janete Ruiz de Macedo e João Cordeiro de Andrade. - 2. ed. rev. e ampl. - Ilhéus : Editus, 2016.
358pl : Il.
Bibliografia : p. 357-358.

ISBN: 978-85-7455-218-7

1. Ilhéus (BA) – História – Ensaios. I. Gonçalves, Oscar Ribeiro. II. Macedo, Janete Ruiz. III. Andrade, João Cordeiro. IV. Título

CDD – 981.426

ENSAIOS HISTÓRICOS DE ITABUNA

Concluimos estes ensaios históricos de Itabuna, O JEQUITIBÁ DA TABOCA, fundamentados, propriamente falando, nos fatos de narrações fornecidas por MANOEL BOMFIM FOGUEIRA, que durante 59 anos os levou de visu, e os anteriores foram por ele bebidos em fontes fidedignas...

Por tudo isso, Manoel Bomfim Fogueira é cognominado de HISTÓRIA VIVA DE ITABUNA.

Tivemos pouco tempo para trabalhar, escrevendo todas as narrações recebidas, tudo para dotar Itabuna de uma história real.

Obras do autor: O. RIBEIRO GONÇALVES

Teses:

1º - Princípios, Direitos e Reivindicação Municipal, escrita para o II Congresso dos Municípios Brasileiros, em S. Vicente – S. Paulo – 1952 – aprovada.

2º - Benefícios de Ordem Rural, para o III Congresso Nacional dos Municípios Brasileiros – S. Lourenço – Minas Gerais em 1954, classificada entre as principais deste conclave.

Indicação:

3º - Trabalho sobre vários problemas, principalmente o da Reforma Agrária, escrito para o II Congresso dos Prefeitos – Salvador – Bahia – 1954 – aprovada.

Ensaio:

4º - Ensaio Históricos de Itabuna - O JEQUITIBÁ DA TABOCA – 1960.

“UMA PALAVRA”

Devemos esclarecer os nossos conterrâneos, amigos e estudiosos que ao encetarmos a presente obra não tivemos pretensão de fazer um trabalho genial ou profundo. O nosso intuito foi o de enfeixarmos neste livro os fatos ocorridos aqui em Itabuna, desde os seus primórdios, isto é, de quando ainda povoação, depois arraial de Tabocas, até cidade e comarca de Itabuna.

Desta maneira transmitiremos seus costumes, seu linguajar regional; o advento aqui dos desbravadores e suas matas; bem como a política e as lutas econômicas e financeiras.

Com este trabalho não ousaremos entrar no patrimônio dos historiadores. Somos apenas dedicados cultores de letras, daí o confiarmos na benevolência dos nossos conterrâneos, amigos e leitores.

A aspiração por uma história de Itabuna nos animou por sua concrecibilidade.

Só assim recordaremos aos velhos as realizações verdadeiras dos antepassados e incutiremos no espírito dos moços o amor à terra e a reverência à memória dos fundadores desta cidade.

Daqueles heróis dependeu o legado econômico da riqueza desta zona, o cacau.

Este livro não é uma história erudita, para tanto precisaríamos pertencer à galeria dos ilustres historiógrafos.

A nossa posição, aqui, é a de simples garimpeiros extraíndo, do terreno dos fatos, os diamantes colhidos na bateia da verdade, assunto desta história.

O autor

Cala-te, ou dize alguma coisa
que valha mais que o silêncio.

Pitágoras

ASPECTOS FÍSICOS

Área¹ de 4.064 Km² (1950)

Posição da sede do município:

Altitude²..... 57 m

Latitude..... S - 14^o - 47' - 21"

Distância³ da linha da capital do Estado: 206 km

Rumo em direção à capital: SSA

¹ Com os desmembramentos ocorridos após 1950, Ibicaraí (1952), Buararema (1959), Itapé (1961), Itaju do Colônia e Firmino Alves (1962) e Jussari (1985), seu território ficou bastante reduzido e foram constatadas discrepâncias quanto à atual dimensão territorial do Município. No site do IBGE, <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> encontram-se duas informações distintas: no item Histórico consta que a área territorial é de 448,8 km², e no item Síntese das informações, a área territorial é de 443,20 km². Para a geógrafa Lurdes Bertol Rocha, a área territorial do Município é de 443,19 km², tomando como base os dados e as pesquisas efetivadas pelo IBGE.

² Atualizando os dados, a altitude mínima é de 52m, na cidade de Itabuna, e a altitude máxima é de 300m, na serra de Itamaracá, distrito do Município.

³ A distância entre Itabuna e Salvador, via BR 101, é de 442 km, e via BR 116, de 556 km.

AOS FILHOS DE ITABUNA

Esta obra é a expressão da boa vontade de fazer reviver a vida do passado na letra desta História de Itabuna.

Certamente ao lerdes, sentireis os vossos corações pulsarem com veemência pelas recordações de um passado a que não tivestes a dita de assistir.

O autor



MANOEL FOGUEIRA⁴

Reminiscência vigorosa, narrando os fatos insertos nesta história, “O Jequitibá da Taboca”. É por isso mesmo dotado de espírito historiador nesta história de Itabuna, sem o que não se poderia conseguir tão importantes documentações.

⁴ O nome completo é Manoel Bonfim Fogueira.

PREFÁCIO

Coube a mim a imerecida honra de prefaci­ar O JEQUITIBÁ DA TABOCA. Prefaci­ar não é bem o caso. Dizer duas palavras sobre o mérito e lugar que ocupará esta obra, fruto da pesquisa séria e honesta de um velho batalhador pelas causas e pelas coisas do Brasil, principalmente da Bahia.

O seu valor ainda é cedo para ser avaliado. Mas, uma coisa é certa, nenhum historiador do futuro poderá deixar de manuseá-lo e consulta-lo para escrever a futura história deste importante e rico pedaço da Bahia. A contribuição que o conhecido e persistente ex-Prefeito de São Felix ora fornece ao público brasileiro é, sem dúvida, das mais valiosas. Representa um grande tesouro para a historiografia baiana e revela o alto espírito patriótico de que é possuidor o seu autor.

Em suas páginas vivas e coloridas descortina-se, diante de nossos olhos, um passado cheio de lances épicos e de façanhas admiráveis daqueles heróis que souberam aliar à bravura a força propulsora de uma vontade indomável no desbravamento arrojado desta hoje notável região sul do Estado.

Pesquisador paciente e honesto, OSCAR RIBEIRO GONÇALVES, ouvindo o testemunho de MANOEL FOGUEIRA, homem de quase 75 anos, hoje, e que há mais de meio século acompanha a história e evolução de Itabuna, conferindo o testemunho de outros antigos e radicados homens desta terra, leva o leitor às origens mais remotas desta zona – 1849, data da chegada de FELIX SEVERINO

DO AMOR DIVINO e MANOEL CONSTANTINO para abrir a primeira clareira no meio da compacta e fertilíssima selva que haveria de ser, no futuro, a capital econômica do Estado da Bahia.

Deste primeiro acontecimento, o autor conduz o leitor curioso a panoramas e cenas impressionantes em que os bandeirantes, vencendo obstáculos e transpondo barreiras vão conquistando terras e edificando os marcos imperecíveis da sua bravura e do seu trabalho para exemplo das gerações futuras. E, finalmente, leva-nos à época de Olinto Leone e de seus contemporâneos e sucessores que, não obstante as divergências políticas, souberam lutar com denodo e amor pela terra que foi o berço de seus antepassados.

Itabuna, abril de 1960.

ass.) Prof. Manoel Simeão da Silva



Prof. Oscar Ribeiro Gonçalves, autor intelectual desta história de Itabuna “O Jequitibá da Taboca”.

PREFÁCIO

Quem julgar que prefaciara uma obra é coisa fácil, estará positivamente fazendo um julgamento falso. O prefácio só deve ser escrito por alguém que não seja o dono da obra toda, quando o prefaciador souber, realmente, o que é que vai apresentar ao público.

O prefácio não deverá ser, nunca, nem mesmo no caso de se apreciar obra poética, um trabalho meramente fantasista.

O prefaciador deve, pois, medir sua responsabilidade, e por isso não deve atender nem mesmo à imposição de amigo com o fim de apresentar um livro ao público.

É que, muitas vezes, pode ocorrer o caso de ser o livro bom e o prefácio ruim.

O inverso da fórmula, também, é quase sempre verdadeiro.

Nosso caso, no presente livro, parece que marca uma linha de equilíbrio. Tentamos um prefácio sério para um livro necessário às terras do cacau.

O que nos fez por o nosso nome em “O JEQUITIBÁ DA TABOCA” é o nosso muito amor, cheio de devoção, por esta terra prodigiosa de Itabuna.

A documentação fornecida para que o presente volume se transformasse em realidade é obra de um sincero pioneiro, o Sr. Manoel Bonfim Fogueira, dono da maior tradição oral que se possa imaginar, acerca do município e da cidade de Itabuna.

É que por cerca de 59 anos mora o Sr. Manoel Fogueira nesta região, que ele realmente viu crescer, florir e enriquecer, até chegar a cidade a este

cinquentenário, dentro do qual a terra esplende, como que tocada do eterno sopro da juventude.

A obra foi, a seguir, concatenada pelo Sr. Oscar Ribeiro Gonçalves, que a desenvolveu em capítulos, de modo a fazer reviver fundadores e pioneiros de uma civilização que, há 50 anos, vem respondendo pelo progresso econômico, e já cultural também, da Bahia.

O Sr. Oscar Ribeiro Gonçalves, que foi prefeito do município de S. Felix, no recôncavo baiano, tendo deixado, ali, os marcos de sua passagem, através de um trabalho proveitoso, quer, agora, com o presente volume, demonstrar o quanto estima Itabuna.

Por isso deu de mão ao presente livro, onde demonstra de que modo o município surgiu e como a cidade pompeou e se desenvolveu.

Não diremos que o livro tenha buscado uma forma literária escorreita. O Sr. Oscar Ribeiro, recolhendo os informes fornecidos pelo Sr. Manoel Bonfim Fogueira, não pretendeu fazer obra acadêmica, ou romanesca, ou crônica onde apenas palpitam as palavras cantantes de uma poesia sem bases reais.

Por esta razão é provável que haja no livro alguns senões, alguns descuidos, que podem ser levados à conta do pouco espaço de tempo que teve o autor para arrumar a história real de “O JEQUITIBÁ DA TABOCA”.

O material fornecido pelo Sr. Manoel Fogueira é do tipo que se pode batizar de “primeira água”, isto é, material muito bom pela fidelidade, pela verdade buscada e encontrada e que foi contida no entreticho, com a vantagem de que muitos fatos foram vistos pelo Sr. Manoel Fogueira, cuja memória deve ser aqui meritoriamente louvada.

O Sr. Oscar Ribeiro Gonçalves, com o presente volume, presta significativo serviço a Itabuna, pois esclarece fatos que não deveriam continuar relegados ao descaso e ao esquecimento.

No livro, encontraremos todos aqueles vultos que aqui chegaram dispostos ao trabalho, ao desejo de “fecundarem o deserto” como bem conceituou o poeta de “O Caçador de Esmeraldas”.

Se outro mérito não tiver o livro que me coube como sorte prefaciá-lo, pelo menos uma grande virtude não se lhe há de negar: é que ele procura fazer justiça a vários nomes pioneiros esquecidos e a quem Itabuna deve muito boa parcela do seu progresso, que tem raízes no seu passado heróico.

O que de melhor o livro contém, o próprio leitor aquilatará com sua perspicácia, principalmente se esse leitor pertencer às plagas fecundas dos caucuais, sempre de braços carinhosamente abertos aos que vêm de longe.

“O JEQUITIBÁ DA TABOCA” é um documentário sério sobre este sul da Bahia, onde nasceu uma civilização bela e fecunda, com o fogo renovador da perpetuidade através de espaço e tempo.

Os Snrs. Manoel Bonfim Fogueira e Oscar Ribeiro Gonçalves multiplicaram-se em labor, para que pudessem dotar Itabuna de uma cartilha de sua história, e que lhe vale, realmente, como certidão de idade.

Itabuna, maio de 1960.

*Ass.) Plínio de Almeida –
da Academia de Letras de Ilhéus.*

Introdução

A obra *O Jequitibá de Tabocas* chegou às minhas mãos durante as pesquisas que vinham sendo realizadas através do projeto “Itabuna Ontem e Hoje”. Foi uma grata surpresa, pois diante de mim estavam os relatos de um autêntico “homem de memória” da comunidade itabunense.

Sabe-se que ao compartilhar lembranças, os tempos individuais se cruzam, formando um outro tempo coletivo, o tempo presente no grupo. A publicação dessa obra, no ano do cinquentenário da cidade de Itabuna, ensejou este compartilhar que dá lugar a uma nova solidariedade que propicia a cada um e ao grupo, como um todo, a segurança necessária para os relatos em um espaço de valorização e compreensão. Esse processo, iniciado a partir da empatia estabelecida entre Manoel Bonfim Fogueira, “o homem memória”, e Oscar Ribeiro Gonçalves, aquele que fixa no suporte papel as lembranças do primeiro, se prolonga através da reedição dessa obra, atualizada e ressignificada.

Fogueira narra os acontecimentos vividos pessoalmente e aqueles que Pollack (1992)¹ chama de “vividos por tabela”, ou seja, fatos vividos pelos grupos ou pela coletividade à qual a pessoa sente pertencer. São acontecimentos dos quais nem sempre participou, mas que, no seu imaginário, tomaram tamanha importância que, no processo lembrar e esquecer, é quase impossível saber se deles participou ou não. Suas memórias estão constituídas por pessoas e personagens. Pessoas aqui entendidas como aquelas

¹ POLLAK, Michel. Memória e identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 5 , v. 10 . p. 202, 1992.

realmente encontradas no decorrer da vida, e personagens como “aquelas frequentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa” (Pollack, 1992, p. 201). Além disso, seus relatos, referendados por testemunhas oculares, estão povoados de lugares, de lembranças pessoais, sobretudo de marcos que remetem a um passado distante, que o autor se esforça em atualizar, para apresentá-los como espaços do vivido e que não devem ser esquecidos pela coletividade.

Primeira grande tentativa de fixação de uma memória coletiva para Itabuna, à qual se juntou o texto de Carlos Pereira Filho, *Terras de Itabuna*, publicado na mesma época, essas obras não se rivalizam, ao contrário, em alguns momentos nos levam a crer que os processos de negociação e conflitos existentes na formação de uma memória coletiva se apresentam bem resolvidos.

O Jequitibá de Taboca tornou-se um referencial. Sua forma organizativa, característica dos relatos mnemônicos, está presente em quase todos os livros que o precederam, em alguns de forma acentuada. Entretanto, essa obra estava perdendo a sua força, enquanto fonte de conhecimento e pesquisa, haja vista a dificuldade de encontrá-la; de restrita tiragem, pouquíssimos são os itabunenses e outros leitores que tiveram ou têm o privilégio de conhecer as memórias que marcaram a identidade da cidade, divulgada através de outros autores regionais. Entendendo que a memória é viva e se reconstrói

a cada momento em que é evocada, me propus a retirar das teias do esquecimento os relatos de Fogueira, cognominado de “memória viva de Itabuna”. A primeira tentativa ocorreu à época das comemorações dos 500 anos do Brasil; na elaboração da programação do evento, como membro da Comissão Institucional, indiquei a reedição de obras que representassem a trajetória histórica regional, objetivo cumprido em parte, pois a Editus publicou as obras *Memória Histórica de Ilhéus*, de Borges de Barros, e *Crônica da Capitania de São Jorge dos Ilhéus*, de João da Silva Campos, mas, quanto à obra-marco de Itabuna, não foi possível reeditá-la naquela ocasião. O projeto foi quase esquecido, mas uma nova oportunidade surgiu, mais carregada de significados, o centenário de Itabuna.

Reconhecendo a memória como instrumento fundamental dos laços sociais e levando em consideração a sua importância, nessa última década, considerada um dos objetos centrais de análise dos historiadores, disponibilizar e atualizar as memórias de Manoel Fogueira, tornando-as, novamente, inteligíveis para todos, principalmente para os itabunenses do século XXI, ao tempo em que se oferece aos historiadores regionais profícua fonte de estudos, é o objetivo maior desta reedição da obra. Na perspectiva analítica, mais que um simples objeto da história, a memória parece ser uma de suas matrizes. Segundo Paul Ricoeur (2007)², ela permanece, em última instância, a única guardiã de algo que "efetivamente ocorreu no tempo". Assegurando a continuidade temporal, a memória, fragmentada e

² RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

pluralizada, se aproxima da história pela sua "ambição de veracidade".

Para realizar esta empreitada, foi necessário buscar a memória de antigos moradores da cidade que, trazendo à tona suas lembranças, permitiram atualizar as referências dos lugares, trabalho realizado com maestria por João Cordeiro de Andrade, parceiro dessa pesquisa. Outro desafio que se delineou quase insolúvel foi como apresentar esses dados de forma didática e atemporal. A utilização da imagem surgiu como uma solução plausível; dessa maneira os lugares foram fotografados trazendo referências, que datam da época do Arraial de Tabocas, para o século XXI, objetivando seu atual e posterior reconhecimento. O acervo fotográfico existente no Centro de Documentação e Memória Regional – CEDOC, da Universidade Estadual de Santa Cruz, recolhido a partir dos acervos particulares, tão carinhosamente guardados por colecionadores, amantes dessa cidade, foi também utilizado exaustivamente. As fotografias contribuíram, consideravelmente, para construir o acontecimento, estabelecendo uma ressonância, um intercâmbio entre a imagem e seu objeto.

No esclarecimento dos fatos narrados, fazendo uma revisão de literatura do que se produziu sobre a cidade de Itabuna, remetemos, através das notas, o leitor a outros memorialistas e historiadores, ao tempo em que tentamos construir uma leitura compreensiva da obra. Nesse afã, na apresentação do texto nos desprendemos da rigidez acadêmica, no que tange às normas da ABNT.

Enfim, espera-se que todos, em especial os itabunenses, jovens ou idosos, natos ou moradores, estudantes ou intelectuais, historiadores ou memorialistas, possam se apossar dessas memórias, e que haja a ambição de fidelidade ao passado, ameaçada quando as ideologias se intercalam entre a reivindicação de identidade e as expressões públicas da memória coletiva.